

Apresentação

Presentation

Mariana SANTOS

Doutoranda em Filosofia (UFPR)

E-mail: marianadps4ntos@gmail.com

Flávia BENEVENUTO

Doutora em Filosofia, Professora Associada UFAL

E-mail: flavia.benevenuto@ichca.ufal.br

O presente dossiê reúne parte das pesquisas apresentadas ao longo do evento *Pensadoras em Foco: Mulheres Na Ética e Na Filosofia Política* que ocorreu, de forma online, no ano de 2024, com a colaboração e participação de pesquisadoras das regiões nordeste, sul e sudeste do Brasil.

Os estudos aqui apresentados evidenciam – a partir do resgate de autoras apagadas e problematizações de questões de gênero – diferentes ineditismos propostos pelas filósofas que foram consistentemente apagadas, bem como revelam os modos de exclusão, silenciamento e resistência das mulheres na história do pensamento filosófico ocidental. Sendo assim, esses estudos colaboram com a resposta a uma preocupação patente de toda filósofa e todo filósofo contemporâneo: a revisão e o alargamento do cânone a partir da incorporação de vozes femininas. Consequentemente, a leitora e o leitor serão capazes de encontrar um novo fôlego no debate acadêmico, pois as pesquisas aqui apresentadas propõem uma leitura crítica e situada das condições históricas, discursivas e políticas que moldaram – e ainda moldam – a experiência e o pensamento ocidental.

Esse dossiê também evidencia a crescente maturidade do campo de estudos sobre mulheres filósofas no Brasil. Trata-se de um movimento que não apenas revisita autoras marginalizadas, mas que questiona, de modo estrutural, os critérios de consagração, autoridade e legitimidade que determinaram o que veio a ser reconhecido como “tradição filosófica”. Com isso, estes trabalhos não apenas recuperam trajetórias intelectuais esquecidas, mas também oferecem uma chave de leitura capaz de reconfigurar o modo como a filosofia entende a si mesma e como narra sua própria história.

Abrindo o número, Bruna Ribeiro Martins, em *“Figuras do silêncio em Isotta Nogarola: como calar (ou não) uma mulher na Itália do século XV”*, analisa os mecanismos de marginalização intelectual impostos às mulheres, especialmente no Renascimento Italiano. Ao resgatar a filósofa Nogarola, Martins evidencia estratégias discursivas que foram mobilizadas com o fim de conter a visibilidade feminina, bem como colaboraram para a exclusão delas do espaço de reconhecimento filosófico – algo, infelizmente, ainda presente em nossa realidade atual.

Na sequência, Flávia Benevenuto apresenta um importante (porém apagado) debate ocorrido ao longo dos seiscentos. Em *“Arcangela Tarabotti: igualdade entre os sexos e o problema da liberdade das mulheres”*, Benevenuto investiga a denúncia vigorosamente feita por Tarabotti contra a tirania paterna e o confinamento religioso compulsório das mulheres. A filósofa enfatiza, ao longo de sua pesquisa, a defesa do livre-arbítrio e da igualdade espiritual e moral entre os sexos, revelando como Tarabotti antecipa discussões modernas sobre autonomia e liberdade.

Mariana Santos, em *“Sarah Chapone e a primeira reivindicação de identidade civil para mulheres”*, resgata a filósofa inglesa do século XVIII para defender sua inclusão no cânone filosófico. A pesquisa revela como Chapone formula, pela primeira vez, uma reivindicação propriamente civil e política para as mulheres, ao problematizar a permanência delas – em função do poder político masculino – em uma condição de “Estado de Natureza” dentro do Estado Civil. Sobretudo, Santos traz à luz a primeira petição de revisão jurídica na qual é exigida que as mulheres sejam verdadeiramente consideradas como membros de uma Sociedade ou Comunidade Civil.

Em direção ao século XIX, em *“Entre a Reforma e a Ruptura: a Emancipação Feminina em John Stuart Mill”* Veronica Calado examina o alcance e os limites do feminismo liberal de Mill, discutindo se a proposta do autor se inscreve em uma reforma gradual ou em uma ruptura efetiva com o patriarcado. Em seu artigo, Calado destaca o papel decisivo de Mill na formulação de uma agenda filosófica voltada à igualdade de gênero e à crítica à dominação masculina.

Encaminhando o percurso histórico em direção à passagem do século XX para o XXI, Viviane Magalhães Pereira, em *“A filosofia da psicologia de Carol Gilligan como resistência à injustiça e ao patriarcado”*, apresenta a filósofa supracitada como uma das principais formuladoras de uma ética do cuidado e da justiça relacional. A análise de Pereira propõe compreender a filosofia da psicologia de Gilligan como forma de resistência e de reconfiguração moral frente às estruturas patriarcais, o que auxilia no desvelamento de relações de desigualdade e injustiça presentes no sistema patriarcal que atravessa os sujeitos dos mais diferentes horizontes históricos.

Ainda neste recorte temporal, Renata Dias Ribeiro com “*Quem são as Massas? Crítica Interseccional sobre a Unidade da Massa*” amplia o escopo da discussão ao propor uma reinterpretação interseccional do fenômeno das massas. Dialogando com Patricia Hill Collins, o texto desloca a tradição clássica da Psicologia das Massas — representada por Le Bon, Sighele, Tarde, Freud e posteriormente Adorno — ao questionar a ideia de uma massa homogênea e universal. Em contraposição, a pesquisadora argumenta que raça, classe, gênero e localidade estruturam diferentemente a agência, o reconhecimento e a liderança dentro dos próprios movimentos multitudinais. O artigo revela que a pergunta fundamental não é apenas como as massas funcionam, mas quem as compõe e quem é autorizado a exercer voz e poder em seu interior.

Por fim, o artigo de Cristiane Maria Marinho, ainda na linha das reflexões contemporâneas do século XXI, “*Misoginia e discurso de ódio no governo Bolsonaro: notas a partir de Foucault e Butler*”, traz o debate para o contexto político recente, discutindo as implicações da performatividade do discurso de ódio e sua função na manutenção da violência de gênero. A partir de Foucault e Butler, Marinho revela como o discurso político atua como tecnologia de poder e de subjetivação, reforçando regimes misóginos e autoritários.

As pesquisas aqui reunidas, ao percorrerem mais de cinco séculos de pensamento filosófico, formam um mosaico de resistências: de Nogarola a Gilligan, de Tarabotti a Chapone, de Mill a Butler e Hill Collins, delinea-se uma genealogia das vozes que ousaram pensar, escrever e agir contra o silêncio imposto às mulheres. Além disso, há algo que atravessa todos os artigos que compõem o presente dossiê: trata-se de explorar a exclusão histórica e propor novas formas de leitura e reconhecimento. Com isso esperamos evidenciar não apenas a necessidade de revisar a história da filosofia, mas também deixar claro que o cânone tomado como “clássico” é construído sobre inúmeros (e intencionais) apagamentos e opressões epistêmicas.

Dessa constatação decorre a urgência mobilizadora do evento que deu origem a este dossiê: o alargamento do cânone filosófico não é apenas tarefa acadêmica, mas também um gesto ético e político. Os textos aqui reunidos demonstram que tal ampliação não se limita à inserção de novas autoras, mas implica repensar categorias, temporalidades, métodos e pressupostos que estruturam a filosofia. Questionar o cânone é, nesse sentido, questionar as condições pelas quais o conhecimento foi historicamente produzido, selecionado, legitimado e transmitido, evidenciando como o apagamento das mulheres é parte de uma operação epistemológica sistemática.

Além disso, as pesquisas deste volume mostram que recuperar autoras silenciadas significa, também, reconstituir modos outros de fazer filosofia – modos em que a experiência, o corpo, a vida cotidiana, as relações de poder, a violência de gênero e a resistência passam a ocupar o centro da reflexão. Essa reconfiguração não apenas altera o objeto da filosofia, mas transforma suas próprias perguntas, bem como as maneiras de formulá-las. Isso exige reconhecer que a filosofia não é um campo neutro, mas uma prática atravessada por disputas políticas e sociais, cujos critérios de autoridade precisam ser continuamente revisados.

Assim, a leitura dos artigos que compõem este volume avança na concretização desse nobre e urgente propósito, ao mesmo tempo em que oferece chaves interpretativas fundamentais para compreender o presente — um presente ainda assombrado pelas marcas de exclusões seculares e que requer, de modo imperativo, a elaboração de novas narrativas, a incorporação de novas referências e a escuta de novas vozes no campo filosófico.



SANTOS, Mariana; BENEVENUTO, Flávia. Apresentação. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.22, n.3, 2025, eK25045, p. 01-04.